

A Cara da Rua: arte e extensão universitária no ensino fundamental de jovens e adultos em vulnerabilidade social

*The Face of the Street: art and university
extension in fundamental education of youngs
and adults in social vulnerability*

EDUARDO VIEIRA DA CUNHA* & DANIELA MENDES CIDADE**

Artigo completo submetido a 14 de maio de 2017 e aprovado a 29 de maio 2017.

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rua Senhor dos Passos, 248 CEP 90020-180. Porto Alegre/RS, Brasil. E-mail: ecunha@cpovo.net

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Departamento de Arquitetura. Rua Sarmento Leite, 320 CEP 90050-170, Porto Alegre/RS, Brasil. E-mail: danielamcidade@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta um projeto de extensão de ensino da fotografia, refletindo sobre práticas pedagógicas na universidade e no ensino fundamental de jovens e adultos. Busca, através da arte e da experimentação fotográfica, investigar a condição urbana e as formas de viver no mundo atual. A conclusão aponta para a filosofia da fotografia, a maneira como ela trabalha com a perda, e o motivo desta ser uma linguagem privilegiada para pensar a falta.

Palavras-chave: ensino / fotografia / perda / exclusão / extensão universitária.

Abstract: *This article presents an extension project focused on the teaching of photography, approaching the reflection on pedagogical practices at the university and in the fundamental education of young and adults. The project seeks, through art and photographic experimentation, to investigate on the urban condition, ways of living in today's world. The conclusion points to the philosophy of photography, the way it works with loss, and the reason for being a privileged language to deal with the lack.*

Keywords: *Teaching / photography / loss / exclusion / university extension.*

Introdução

Inscritos no corpo do processo de expressão e criação, as faltas, as perdas, os fracassos e todas as tensões provenientes de uma condição precária de um meio como a fotografia, revelam-se em um primeiro momento como negatividade. Entretanto, a busca em ultrapassar estas dificuldades impostas no processo de obtenção de uma imagem poética, em superar os limites e completar estas ausências, pode se transformar em elementos catalisadores do trabalho poético com a imagem. Poder-se-ia, assim, contribuir para um processo de coesão e de integração de uma população carente na cidade, através da intersecção entre a estética e a ética?

Esta é a pergunta e o desafio que se propõe *A Cara da Rua*, projeto de extensão universitária vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Partindo de uma falta — a de uma casa, de um equilíbrio social, e trabalhando com certa população em situação de rua, o projeto busca, através da arte e da experimentação fotográfica, uma certa inclusão social. Ao aproximar, investigar e refletir sobre a condição urbana e as formas de viver no mundo atual, *A Cara da Rua*, em desenvolvimento desde o ano de 2015, tem a parceria da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Porto Alegre — EPA. Trata-se de uma escola-modelo, aberta, inclusiva, onde a maioria de seus alunos são moradores em situação de rua. O trabalho desenvolvido pelo seu corpo docente é uma referência em educação no Rio Grande do Sul por ser especializada no atendimento de adultos e jovens a partir dos 15 anos de idade em situação de vulnerabilidade social. Ao propor oficinas de experimentação fotográfica (Figura 1) e saídas culturais, o projeto de extensão integra as atividades do Núcleo de Desenvolvimento Extra-classe (NDE) da EPA. O NDE proporciona atividades de artes no turno inverso ao do ensino regular.

O presente artigo, através de uma fundamentação com elementos da filosofia, procura na ontologia da fotografia resgatar o elemento ausência, nesta relação dialética de presença/ausência. Ou seja: presença da imagem, ausência da coisa. Uma incompletude, como um espaço a ser preenchido, como algo que foi ocultado, rejeitado ou impossível de se mostrar em um determinado momento. Mas que representa assim uma presença anunciada, talvez até a de uma utopia de uma sociedade ideal.

Neste desejo, surge um processo de troca de saber entre estudantes universitários e uma parcela da população que perdeu suas referências básicas, e faz das ruas o seu espaço de vida, trabalho e habitação. Aproximando a reflexão sobre práticas pedagógicas na universidade, *A Cara da Rua* busca no ensino fundamental de jovens e adultos um laboratório para trabalhar a relação que se estabelece entre a fotografia e perda.



Figura 1 · Início das atividades, EPA, 2015.

Fonte: Arquivo *A Cara da Rua*.

Figura 2 · Fabiano Ávila, durante saída de campo no centro de Porto Alegre, 2016. Fonte:

Arquivo *A Cara da Rua*.



Figura 3 · Cartão postal, 2015. Fonte: Arquivo A Cara da Rua.

Figura 4 · Cartões postais, 2015. Fonte: Arquivo A Cara da Rua.

Partindo do campo das Artes Visuais e do Urbanismo, *A Cara da Rua* tem como proposta o exercício fotográfico como um jogo da manipulação da câmara e do exercício do olhar em busca de uma autodescoberta. Tenta-se assim despertar a relação crítica da rua como espaço público de direito coletivo. O projeto inclui como objetivo a geração de renda através da confecção de cartões postais. Além disso, propõe estimular o olhar crítico e sensível para o desenvolvimento do processo de criação em fotografia, desde a obtenção da imagem incluindo o pré e o pós-fotográficos.

1. Fotografia e perda

Serge Tisseron(1997) ressalta, como qualidade inerentes ao exercício da fotografia, os “poderes de envelopamento” da imagem. A fotografia possuiria este dom de reunir, em um mesmo enquadramento, elementos aparentemente dispersos. O poder de envelope levaria mais em conta na só o olhar do outro, mas o olhar daquele que fotografa, sobre si mesmo. A fotografia, assim, visaria não transformar a realidade de um objeto ou seu espectador. Ao contrário, seria chamada a autenticar um modelo, ou a reforçar uma identidade geográfica, pessoal ou social. Esta força de coesão corresponderia a uma função de equilíbrio, na qual a imagem (tanto psíquica quanto mental) é chamada a assegurar (Figura 2).

Partindo deste princípio de integração, as aulas desenvolvidas no projeto têm como objetivo prático instrumentalizar o aluno para o uso de equipamento fotográfico digital, assim como os desdobramentos necessários para a obtenção da imagem impressa, independente do uso final. Paralelamente, propõe-se realizar imagens a partir de percursos urbanos conduzidos pelos alunos, que deverão mostrar a cidade em que vive, e aquela com a qual eles sonham.

De crítica social urbana, o projeto se transforma em uma atividade de reflexão sobre a vida de hoje com todas as suas contradições, contrastes sociais, exclusões e desigualdades. Nesse sentido, a extensão universitária contribui com a capacidade de remover fronteiras ampliando o processo ensino-aprendizagem. Conforme Sandra de Deus:

A Extensão é o lugar da alteridade por excelência. Onde a universidade realiza o reconhecimento da diversidade sociocultural e étnicorracial e permite a construção e o estabelecimento dos compromissos necessários à leitura do mundo. Ao atuar nas dimensões estéticas e culturais, a extensão universitária pressiona o ensino e atualiza a pesquisa (Deus, 2015:12).

Incluir o outro pela sua diferença, através da ação de extensão passa a fazer parte da formação daquele que tem acesso à universidade, como também dessa população. Para tratarmos do tema do abandono do sujeito à sua própria sorte nas ruas da cidade e do enfraquecimento dos princípios éticos daqueles que olham com diferença o que considera “estranho”, tomamos como referência o conceito de ética segundo a hospitalidade de Jacques Derrida.

2. Derrida e a hospitalidade

Para tratarmos do tema do abandono do sujeito a sua própria sorte nas ruas da cidade e o enfraquecimento dos princípios éticos daqueles que olham com diferença o que considera “estranho”, tomamos como referência o conceito de ética segundo a hospitalidade, desenvolvido por Jacques Derrida.

Derrida, através do conceito de hospitalidade, apresenta uma obra que nos transmite uma esperança contra os totalitarismos. Ele interroga a amizade, quando transforma a hospitalidade em hostilidade. Neste limiar que faz do anfitrião ao mesmo tempo um refém do hóspede, cria-se uma situação onde pode haver o desencadeamento de um processo múltiplo de desentendimentos. O filósofo propõe repensar a hospitalidade: para ser hospitaleiro, deve-se partir da existência de uma morada assegurada. Em suas palavras, “talvez unicamente aquele que suporta a experiência da privação de casa pode oferecer a hospitalidade” (Derrida, 2000:23).

Para Derrida existem duas fontes de aproximação da hospitalidade na cultura contemporânea: uma incondicional, de herança bíblica, onde a cidade se torna lugar de refúgio, e onde a lei da hospitalidade incondicional está acima das leis. Ela acolhe o outro, independente do Estado, e transforma o estrangeiro, o recém-chegado, em um cidadão. Para as pessoas em situação de rua, o elementar refúgio é algo importante. É ele que complementa a falta de uma moradia fixa.

A outra herança do conceito de hospitalidade, segundo Derrida, estaria relacionada ao cidadão como um ser político, pertencente a um território, a partir do pensamento da filosofia antiga. O estrangeiro seria acolhido, com direito à hospitalidade como um dever, mas continuaria em sua condição de estrangeiro. A hospitalidade seria condicional, como um direito limitado, comparado àquele que é do lugar. Excluiria aqui o conceito de hospitalidade como “direito de residência” universal, limitando-a como “direito de visita”.

Para Derrida, o incondicional e o condicional são dois sentidos da hospitalidade que não representam simples oposições. Quando o incondicional se coloca em contraponto com o condicional, para efetivar a hospitalidade sempre

será “preciso inventar as melhores disposições, as menos más condições, a legislação mais justa” (Derrida, 2004:250). Derrida está se referindo aqui especificamente ao processo de imigração. Porém, a condição policiada também é a mesma para quem ocupa o espaço público também para nele dormir.

3. A falta, a ausência e a fotografia

O lugar onde acontece a hospitalidade está sempre “por vir”, é a falta de um lugar próprio, delimitado, com localização precisa. A hospitalidade está sempre em construção e inacabada, ou seja— em ausência. Neste sentido, a construção de um lugar em *A Cara da Rua* não representa a arquitetura no sentido físico, e sim no sentido ético.

Assim, a fotografia pode construir outros lugares que vão além daquele que ela projeta em imagem estética e inventar um lugar que rompe com a sua ordem (do espaço ou da vivência) criando uma outra relação. Esta seria a relação poética. Para Derrida a hospitalidade não está simplesmente voltada para uma questão ética. Antes, ela requer uma arte ou uma poética: “um ato de hospitalidade não é mais que um ato poético” (Derrida, 2004:250).

O sentido ético que encontramos em Derrida nos faz pensar a fotografia como um ato em busca da alteridade, em busca da construção de um lugar capaz de incorporar a diversidade que se encontra no espaço da cidade. Através de suas ações, percebe-se onde e quando o ensino da arte e estética pode sair de sua postura egocêntrica e individual e de usufruto solitário, para se transformar em um gesto ético, de generosidade em nome da cidadania, buscando uma sociedade com oportunidades iguais. Ele atua neste momento crítico, onde a harmonia da vida na cidade exige que se conceda prioridade à ética. *A Cara da Rua* comprova, em seus resultados, que a estética não é necessariamente excluída nesta relação de trocas e de intersecções.

Desta forma, *A Cara da Rua* — oficina de experimentação fotográfica, que Adriano, um dos participantes da Oficina, chama de “Curso de Fotógrafo”, torna-se também um lugar para formação daquele que se encontra na situação de rua, ora estrangeiro no seu próprio espaço, ora hospitaleiro. Essa ação, tanto para ele como para os educadores, situa como objetivo principal a formação do sujeito como cidadão. E busca a reflexão de forma indireta sobre o lugar como espaço da hospitalidade e hostilidade, de acolhimento e exclusão, utopia e distopia, simultaneamente. Aprendizado de fotografia: aqui, linguagem e sujeito se confundem, no processo de formação desta população em condição de rua (Figura 3).

Dentro das reflexões citadas acima, o projeto *A Cara da Rua* se propôs a um contato direto com essa parcela da população excluída e marginalizada na

sociedade. O objetivo é abranger tanto um projeto artístico, através da fotografia, quanto o da reflexão da cidadania e dos direitos de pertencimento na sociedade e na cidade, de poder transitar e ser reconhecido como todos que ali habitam e transitam. A primeira oficina realizada de setembro a dezembro de 2015, teve como objetivo a aproximação inicial ao equipamento fotográfico, sem deixar de discutir as questões que envolvem o todo o processo da fotografia digital da obtenção da imagem até a sua manipulação.

O resultado dessa oficina foi a confecção de cartões postais com 15 imagens selecionadas, realizadas por sete alunos. As imagens foram tomadas a partir de deambulações que tinham como ponto de partida a Escola EPA, passando por lugares do centro histórico da cidade de Porto Alegre que muitos desses alunos habitam, como a Praça da Matriz, Viaduto Otávio Rocha, Praça do Capitólio. Em 2016, a atividade propôs mais de uma ação. Em uma Oficina de Experimentação Fotográfica, tendo como objetivo a geração de renda, além da confecção dos cartões postais foi produzido material para uma exposição itinerante. O tema *Olhar Urbano* (Figura 4), desenvolvido na oficina, também esteve presente na ação denominada *Mostra de Cinema na EPA*, no mesmo ano.

A fotografia aqui estabelece uma função de ir além do caráter documentário de uma cidade, concebida por esse grupo de alunos da EPA. O ato fotográfico torna-se também um deslocamento dentro do próprio espaço de vivência: o ato oferece um lugar de completude destas ausências, mais justo ao hóspede — aquele morador em situação de rua. Receber esse hóspede corresponde em preparar um lugar, construir e substituí-lo por outro, modificando-o pela sobreposição de um ato inesperado. Até alcançar certo sentimento de acolhimento, assumindo a função de envelope à qual se refere Tisseron (1997). A chegada do outro acontece com a câmara na mão. A fotografia recompõe a condição de ausência, em uma cidade excludente. O avesso, o vazio, a sombra e a ausência, nos fazem chegar ao conhecimento e à reflexão sobre o sentido do espaço, ou sobre a cidade e a completude, a partir da análise destas imagens produzidas por seus alunos.

Conforme relato Luiza Maia, uma das bolsistas ministrantes das oficinas de fotografia, ainda que o significado de hospitalidade possa estar vinculado a espaço físico, o exercício da fotografia fez com que ficasse, para ela, esclarecida a relação entre o ser e o conceito de abrigar, que antes era sombria. Vivendo assim em uma cidade onde há muitas pessoas em situação de rua, o “não lugar” passa a ser recinto de hospitalidade, reforçando a relação entre hóspede e hospedeiro, abrigado e desabrigado.

Conclusão

Estas imagens podem ser lidas como resultado de algo que vai além de uma relação entre corpo e espaço, e que coloca o meio urbano como instrumento de constante análise e crítica da integração social e formação do sujeito. Como uma metáfora, é possível pensarmos sobre a atual situação dos refugiados na Europa durante o maior fluxo migratório da história desde a Segunda Guerra Mundial. A situação dos sem-teto no Brasil é uma decorrência da política de desigualdades social e de um problema histórico de distribuição de renda.

Na relação imagem e movimento como apropriação do espaço, a fotografia transforma-se em uma forma de inserção social, transfigurando-os em *figura-figura*. Diferentemente da concepção de figura-fundo utilizada por muitos urbanistas como um dos instrumentos de análise da cidade, aqui a pessoa é associada ao espaço. O vazio da cidade deixa ser um espaço aberto, e a imagem fotográfica trabalha como catalisador de um processo de recuperação de ausências, inserindo as pessoas uma determinada perspectiva: a de espaço e vida no sentido utópico e transformador. Talvez seja uma forma contemporânea de utopia, onde a fotografia atua como agente, Diante da onipresença da imagem na vida quotidiana, as ações desenvolvidas no projeto *A Cara da Rua* nos fazem pensar sobre as especificidades da fotografia. E em como uma falta, uma ausência— uma impossibilidade de fato e de direito a uma moradia— podem se transformar em condição de possibilidade de uma estética.

Referências

- Derrida, Jacques (2000) *L'Hospitalité*. Paris: Gallimard. ISBN: 978-27021-2795-7
- Derrida, Jacques (2004) *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade. ISBN:85-7448-096-7
- Deus, Sandra de (2015) "Sobre Extensão, diários e memórias." In: Mello, Bruno Cesar Euphrasio de. *Diários Messiânicos: cotidiano de uma experiência de extensão universitária*. Porto Alegre: UFRGS. ISBN: 978-85-66106-48-0
- Tisserron, Serge (1997) *Le mystère de la chambre claire: photographie et inconscient*. Paris: Hazan. ISBN:978-20812-1476-7